

**A REPRESENTAÇÃO DAS
MULHERES EM FOTOS
JORNALÍSTICAS DE
FAVELAS DO RIO DE
JANEIRO**

THE REPRESENTATION OF
WOMEN IN JOURNALISTIC
PHOTOS OF FAVELAS IN RIO DE
JANEIRO

LA REPRESENTACIÓN DE LA
MUJER EN LAS FOTOS DE
PRENSA DE LAS FAVELAS DE RÍO
DE JANEIRO

Janaina Dias Barcelos^{1, 2}

RESUMO

Este artigo consiste em um desdobramento da análise realizada na tese de doutorado "Imagem e produção de sentido sobre favelas cariocas em fotos jornalísticas", apresentada em janeiro de 2016. A partir do *corpus* desse estudo, constituído de 302 imagens de favelas do Rio de Janeiro, publicadas nos meses de setembro, outubro e novembro dos anos 2010, 2012 e 2014, fizemos um recorte com fotos que retratam mulheres adultas como protagonistas. O objetivo era verificar qual a representação social das mulheres situadas no espaço favela e quais imaginários sociodiscursivos esse modo de apresentá-las

¹ Doutora em Estudos Linguísticos - Análise do Discurso pela FALE/UFMG, com o tema análise do discurso de fotografias jornalísticas. Doutorado sanduíche na Université Paris-Est Créteil, França. Mestre em Comunicação e Jornalismo pela Universidade de Coimbra, Portugal, com o tema análise de fotos jornalísticas e noticiabilidade da dor e do sofrimento. Possui especialização em Comunicação e Gestão Empresarial pela PucMinas e graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela UFMG. Atualmente, professora substituta do Curso de Comunicação - Jornalismo na Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). E-mail: janabarcelos@hotmail.com.

² Endereço de contato das autoras (por correio): Universidade Federal de São João Del Rei. Curso de Comunicação Social. Praça Frei Orlando, 170 - Centro, São João Del Rei - MG, Brasil. CEP: 36307-352.

poderia engendrar, se reforçaria estereótipos negativos cristalizados ou se daria a ver alguma complexidade e diversidade. Tal discussão é fundamental uma vez que os meios de comunicação produzem subjetividades ao construir seus discursos.

PALAVRAS-CHAVE: discurso; fotojornalismo; mulheres; favela.

ABSTRACT

This article is a part of the analysis developed in the doctoral thesis "Image and production of meaning about favelas of Rio de Janeiro in journalistic photos", presented in January 2016. Based on the corpus of this study, consisting of 302 images of favelas in Rio de Janeiro, published in the months of September, October and November of the years 2010, 2012 and 2014, we selected photos that portray adult women as protagonists. The objective was to verify the social representation of women in favelas and which social-discursive imaginary could be engendered by this way of presenting them. We observe if it would reinforce crystallized negative stereotypes or if there would be some complexity and diversity. Such a discussion is fundamental since the media produce subjectivities when constructing their discourses.

KEYWORDS: discourse; photojournalism; women; favela;

RESUMEN

Este trabajo consta de una parte del análisis realizado en la tesis doctoral "Imagen y producción de sentido sobre las favelas de Río de Janeiro en fotos de prensa", presentada en enero de 2016. Desde el corpus de este estudio, que consta de 302 imágenes de favelas de Río de Janeiro, publicadas en septiembre, octubre y noviembre de los años 2010, 2012 y 2014, hicimos un corte con imágenes que retratan a las mujeres adultas como protagonistas. El objetivo era ver la representación social de las mujeres situadas en la zona de favelas y que imaginarios sócio-discursivos podrían engendrarse a partir de esta manera de presentarlas. Nosotros hemos observado si las fotos podrían reforzar los estereotipos negativos cristalizados o dar a ver alguna complejidad y



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 1, Janeiro-Março. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v3n1p233>

diversidad. Esta discusión es crucial, ya que los medios producen subjetividades cuando construyen sus discursos.

PALABRAS CLAVE: discurso; fotoperiodismo; mujeres; favela.

Recebido em: 28.02.2017. Aceito em: 26.03.2017. Publicado em: 30.03.2017.

Considerações iniciais

Este artigo se propõe a analisar o discurso de fotos jornalísticas de favelas do Rio de Janeiro que retratam mulheres adultas nesse espaço. A partir do *corpus* de nossa tese de doutorado, composto de 302 imagens publicadas no jornal "O Globo", nos meses de setembro, outubro e novembro de 2010, 2012 e 2014, selecionamos aquelas que apresentavam mulheres como protagonistas, seja sozinhas ou acompanhadas de outro (s) personagem (s). Encontramos 34 fotos com essa característica. A partir daí, buscamos verificar qual é a visão construída a respeito delas.

Em nossa base teórico-metodológica, recorreremos à Teoria Semiolinguística (CHARAUDEAU, 2005), além de procurarmos conhecer alguns estudos sobre a imagem, entender o fotojornalismo como discurso, pesquisar a origem e o desenvolvimento das favelas no Rio de Janeiro e compreender as noções de representações sociais e imaginários sociodiscursivos.

Para a análise, fizemos o percurso de identificar o que nos mostra a superfície da fotografia, categoria a qual denominamos figuração de cena, e a quais imaginários o discurso imagético poderia conduzir, a partir das representações sociais evocadas. A Teoria Semiolinguística nos auxilia a verificar quem são os sujeitos da troca discursiva e em qual situação de comunicação se inserem, além de contribuir com o conceito de imaginário sociodiscursivo. Também nos apoiamos na proposta metodológica de Gervereau (2004), que contempla três etapas de análise: descrição, contexto e interpretação. A primeira consiste em levantar as características da imagem a partir das metas de pesquisa; a segunda irá qualificar o objeto de estudo levando em conta os contextos de criação e da sociedade; e, por fim, a análise consistirá no uso dos

resultados obtidos nas fases anteriores, que orientarão a interpretação e resguardarão o trabalho do pesquisador de conclusões prematuras e de contrassensos.

Em linhas gerais, a Teoria Semiolinguística, proposta por Charaudeau (2005), baseia-se no funcionamento do ato de comunicação ou de linguagem, considerando o processo de interlocução entre as instâncias de produção e recepção, as quais se encontram subordinadas a um conjunto de restrições e a um contrato de comunicação, mas também possuem um espaço de liberdade no qual podem utilizar uma série de estratégias discursivas em busca de determinados efeitos.

Em relação ao *corpus* que selecionamos, observamos uma instância compósita: o Eu comunicante são os fotojornalistas, seres sociais. Mas também é o jornal "O Globo", instituição veiculadora das imagens. Podemos ainda listar figuras intermediárias ao processo, como diretores de redação, editores, diagramadores, e outros que participem da seleção e do tratamento das imagens. Mas, para efeito de nossa investigação, focaremos no Eu comunicante que consideramos o responsável por dar o direcionamento à escolha das imagens produzidas: a instituição, com suas intenções e posicionamentos. Já o Eu enunciador é o próprio gênero, o fotojornalismo.

As imagens são direcionadas ao Tu interpretante. No jornal "O Globo", trata-se das pessoas que leem efetivamente o jornal e às quais não temos acesso, a não ser que fizéssemos uma pesquisa de recepção. Podem ser leitores do Rio de Janeiro ou de outras partes do Brasil, já que o jornal tem circulação nacional, sendo o segundo mais lido no país, além de haver os assinantes da

versão digital do jornal impresso³ e ainda todos aqueles que acessam a página de “O Globo” na internet⁴. As fotos também são dirigidas ao Tu destinatário, identidade discursiva, caracterizada como o leitor ideal do jornal, seu público alvo, que são as classes A e B da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Em nossa perspectiva teórica, é importante demarcar ainda dois conceitos-chave: representação social e imaginário sociodiscursivo, sendo o primeiro fundamental para compreender o segundo. Charaudeau (2006, 2007) propõe a noção de imaginário sociodiscursivo para integrar o conceito de imaginário ao quadro teórico da Análise do Discurso. Para o autor, o imaginário pode ser qualificado de social na medida em que se refere a uma atividade de “simbolização representacional do mundo” que se dá no âmbito das práticas sociais (artística, política, jurídica, religiosa, midiática etc.), circula em grupos sociais e institui normas de referência para esses grupos⁵. E pode ser denominado discursivo por se materializar em enunciados languageiros, materialização esta sustentada por uma racionalização discursiva, além de circular em um espaço de interdiscursividade.

Nessa perspectiva, compreende-se que, para significar a realidade, é necessário percebê-la. É essa atividade de percepção que produz os imaginários que, por sua vez, conferem sentido a essa realidade. Portanto, “o imaginário é um modo de apreensão do mundo que nasce do mecanismo das representações sociais, as quais (...) transformam a realidade em real

³ Trata-se da versão impressa integralmente digitalizada. Já a página do jornal na internet traz alguns conteúdos presentes na versão impressa e outras produções próprias, que estão disponíveis apenas no *site*.

⁴ A página de “O Globo” na internet tem mais de 2,5 milhões de usuários cadastrados e recebe, em média, 350 mil visitantes por dia. Cf.: INFOGLOBO (2015), em “Sobre a Infoglobo”.

⁵ Cf. CHARAUDEAU (2007, p. 53): “Cet imaginaire peut être qualifié de social dans la mesure où cette activité de symbolisation représentationnelle du monde se fait dans un domaine de pratique sociale (artistique, politique, juridique, religieux, éducatif, etc.) déterminé, afin, comme le propose Castoriadis, de rendre cohérent le rapport entre l’ordre social et les conduites, et cimenter le lien social à l’aide des appareils de régulation que sont les institutions”.

significante” (CHARAUDEAU, 2007: 53)⁶. Traduzindo, as representações sociais seriam esquemas, modos de ver, perceber e julgar, partilhados por dado grupo social, que nos ajudam a nomear, classificar, compreender as coisas do mundo. Sua articulação, por meio dos discursos e das interações sociais, produz os imaginários, que nos permitem apreender esse mesmo mundo e propor uma visão sobre ele.

O teórico francês se apoia no conceito de representação social proposto por Moscovici (2011), que as define tanto como mecanismos de elaboração, quanto estruturas de conhecimento, que servem para familiarizar o não familiar. Corresponderiam a um modelo recorrente e compreensivo de imagens, crenças e comportamentos simbólicos. Para ele, elas nascem do uso de uma linguagem de imagens e de palavras que se torna comum pela difusão de ideias:

As representações sociais emergem, não apenas como um modo de compreender um objeto particular, mas também como uma forma em que o sujeito (indivíduo ou grupo) adquire uma capacidade de definição, uma função de identidade, que é uma das maneiras como as representações expressam um valor simbólico (...). (MOSCOVICI, 2011:21).

Dessa forma, as representações sociais constituiriam uma maneira específica de compreender e comunicar o que já sabemos, permitindo ordenar e perceber o mundo de forma significativa. Ao se tornarem parte do senso comum, entram para a vida cotidiana, sendo sustentadas pelos discursos. Nesse sentido, enquanto estruturas dinâmicas, elas são formadas e transformadas por meio de intercâmbios comunicativos. Nossa análise, neste artigo, poderá nos

⁶ Tradução livre da autora para: “L’imaginaire est un mode d’appréhension du monde qui naît dans la mécanique des représentations sociales, laquelle (...) transformant la réalité en réel signifiant”.

ajudar a perceber quais imaginários podem ser engendrados por fotos jornalísticas de mulheres situadas no espaço das favelas cariocas.

Em nossa abordagem, consideramos que tanto os elementos icônicos, quanto os simbólicos contribuem para gerar sentido nas fotos jornalísticas – especificamente neste estudo, sentidos sobre mulheres nas favelas –, a partir de um exercício de desvelamento que busque ir além do que aponta a superfície, sem desconsiderar que esta é também de extrema relevância para tal deciframento. Compreendemos que o discurso visual da imprensa desempenha papel relevante na construção de subjetividades, sendo capaz de produzir, reproduzir e/ou fixar pontos de vista que colocam em circulação no meio social, engendrando imaginários sociodiscursivos os quais nos ajudam a olhar para o mundo a partir de determinada perspectiva.

A favela carioca

A categoria favela carrega, desde seu surgimento, uma série de estigmas, principalmente relacionados à representação social de lugar de pobreza e criminalidade, gerando imaginários de marginalidade e de divisão entre morro e asfalto. Vários pesquisadores se debruçaram sobre o tema, a partir de diversas perspectivas e campos do conhecimento.

O surgimento das favelas no Rio de Janeiro é emblemático, pela visibilidade da então capital federal e seu projeto de urbanismo baseado na reforma de Paris; por suas peculiaridades geográficas que tornaram a divisão entre os espaços muito explícita com a construção de barracos nos morros; e, na história recente do país, pela questão do tráfico de drogas numa cidade que, apesar de ter perdido há tempos o posto de capital, é um dos principais cartões postais do Brasil.

Desde a derrubada dos cortiços no Rio de Janeiro, no século XIX, e a consequente ocupação de áreas urbanas por essas pessoas – que não fizeram parte do processo de construção da cidade, já que não havia políticas públicas que as incluíssem –, até os dias atuais, uma série de representações sociais sobre tais espaços e seus moradores foram sendo construídas social, histórica e discursivamente. Um passeio por esse processo de formação e desenvolvimento das favelas, como Valladares (2000, 2005) nos apresenta muito bem, auxilia-nos na compreensão dos discursos que foram sendo engendrados ao longo do tempo por vários atores sociais e a quais imaginários eles se relacionam, de modo a edificar uma memória discursiva sobre essa questão. A autora atenta para a produção e persistência de representações sociais cristalizadas⁷ ligadas às imagens desses locais.

Seus estudos mostram que a gênese do processo de construção das representações sociais das favelas remonta às descrições e imagens que nos foram legadas por escritores, jornalistas e reformadores sociais do início do século XX. Amplamente divulgados naquela época, esses textos permitiram o desenvolvimento de um imaginário coletivo sobre as favelas e seus moradores, ao mesmo tempo em que opunham favela e cidade. Tais discursos circulantes dos quais a autora fala, apesar de originários de diferentes tendências ideológicas e políticas, carregavam percepções semelhantes, que são discutidas por ela ao longo da obra.

Esses escritores e intelectuais, apesar de pertencerem a diferentes tendências ideológicas e políticas, ou perseguirem distintos objetivos em suas visitas aos morros, percebiam da mesma forma o que representavam tais áreas e seus habitantes no contexto da capital federal e da jovem República. Seus pontos de vista remetiam a um

⁷ Utilizaremos a expressão “representações sociais cristalizadas” em vez de “estereótipos”, de modo a marcarmos nosso lugar teórico a partir de Moscovici (2011) e de Charaudeau (2007).

mesmo conjunto de concepções, a um mesmo mundo de valores e idéias. Suas representações convergiam para o estabelecimento de um arquétipo da favela, um mundo diferente que emergia na paisagem carioca em contracorrente à ordem urbana e social estabelecida. (VALLADARES, 2005: 28)

Interessante essa observação da autora, pois percebemos que os produtores dos discursos circulantes pareciam partilhar os mesmos universos de saber, que culminam em uma visão comum, apesar das diferentes intencionalidades e situações de comunicação. Todos numa tentativa de compreender um fenômeno novo na cidade, em configuração.

Mais recentemente, lembramos o interesse pelo tema que gerou uma série de produções audiovisuais as quais abordam os chamados territórios periféricos – favelas, morros, guetos, subúrbios – e seus sujeitos excluídos socialmente. Enquanto discurso, tais produções colaboram para a construção de imaginários sobre esses lugares e seus residentes. No cinema, listamos, por exemplo, o sucesso que obteve o filme “Cidade de Deus”, de 2002, que trata do crescimento do crime organizado no conjunto habitacional Cidade de Deus entre o final da década de 1960 e o início dos anos 1980. Com quatro indicações ao *Oscar*, vários prêmios conquistados e sucesso de crítica internacional, o filme foi um marco na história do cinema brasileiro e podemos dizer que, em certa medida, teria contribuído para divulgar e reforçar essa imagem que relaciona favelas à criminalidade no Rio de Janeiro.

Em contrapartida, podemos citar outras produções audiovisuais mais recentes que investiram em discursos associados à diversidade cultural, ao espírito comunitário, à criatividade e à solidariedade, como as séries “Cidade dos Homens” e “Antônia” e o quadro “Minha periferia”, do programa “Fantástico”, da Rede Globo, mesmo que, algumas vezes, pudessem trazer algumas representações sociais cristalizadas, portanto, que simplificam e

generalizam. Existem, ainda, esforços por parte de organizações, como o Observatório de Favelas, o Viva Favela e a Central Única de Favelas (Cufa) por exemplo, que buscam apresentar esses aglomerados urbanos e sua população a partir de olhares que apontem para a complexidade e a diversidade, contra discursos hegemônicos estigmatizantes.

Além de Valladares (2000, 2005), encontramos discussões sobre as representações da favela e de seus moradores em autores como Campos (2007) e Silva & Barbosa (2005), além de vários artigos, dissertações e teses, que dialogam com a autora ou complementam nossa abordagem, e que nos auxiliam a compreender esse caminho de construção de determinadas visões sobre esses espaços e essas pessoas e a refletir sobre tal processo.

Em nosso estudo, percebemos que, ao longo do tempo, diferentes olhares direcionados às favelas produziram saberes e dizeres. A dualidade cidade x favela, que teve sua gênese no período fundador desses aglomerados urbanos, bem como a produção de discursos que associam favelas a pobreza e violência, pesam de maneira significativa na imagem que se tem desses locais ainda hoje.

As representações sociais das favelas como lugar de pobreza, de perigo, de desorganização, de precariedade parecem ter se cristalizado ao longo do tempo, apesar de estudos e tentativas de apresentar tal espaço urbano como heterogêneo, com sua diversidade, e que também já passou por várias mudanças, sejam estruturais, políticas, sociais, culturais. As representações que, por outro lado, apresentam as favelas como lugar do samba e da malandragem também contribuíram para a fixação de representações sociais cristalizadas, algumas vezes negativas.

Ao analisar os autores que pesquisamos e a quais representações das favelas e dos favelados eles chegaram, percebemos que parece haver algumas

transformações na forma de ver esses espaços ao longo do tempo. Apesar de essas várias representações conviverem em diversos momentos, identificamos que algumas são mais preponderantes em cada época, como tentamos demonstrar no quadro abaixo (QUADRO 1):

Época	Representações
Século XIX	Favela "herda" representações dos cortiços, como lugar de desordem, sujeira, pobreza e perigo.
Início século XX	Favelas como moradia dos pobres, ocupação irregular, lugar de desordem. Representações semelhantes àquelas do século XIX.
Anos 1920 a 1960	Apesar de tentativas de conhecer as favelas ao longo do tempo, predominam representações do século anterior, de lugar da pobreza, problema estético e habitacional. Ao lado dessas representações, são criadas e consolidadas outras, ligadas às favelas como berço do samba, espaço autêntico da vida carioca.
Anos 1970 e 1980	Favelas permanecem como o lugar da ausência, da carência; favelados vistos como vítimas da injustiça social. Começam a surgir representações das favelas também como local de moradia, forte em associação, família e vizinhança.
Anos 1980 e 1990	A partir de meados dos anos 1980, com intensificação na década de 1990, as favelas aparecem como lugar de criminalidade, do tráfico de drogas e da violência. Os favelados passam a ser vistos como marginal, criminoso em potencial ou cúmplice do crime.
A partir dos anos 2000	As favelas continuam como lugar da criminalidade, mas os favelados passam a ser vistos, em sua maioria, como vítimas dos traficantes. As favelas agora são lugar a ser integrado à cidade, "libertado", via pacificação. Movimentos sociais começam a fazer circular discursos contra-hegemônicos que valorizem as favelas e os favelados.
OBS	Apesar dessas alterações na forma de representar as favelas (e nas próprias favelas com as políticas de urbanização e os movimentos sociais), acreditamos que o viés da pobreza se mantém. E, junto com ele, as noções de carência, desorganização, precariedade e ilegalidade. A noção de marginalidade, em nossa opinião, continua central.

Quadro 1 – Principais representações das favelas e de seus moradores ao longo do tempo. Fonte: quadro elaborado pela autora

Interessante notar que vários autores que estudam favela abordam a questão do estigma. Alguns aspectos foram mencionados como estigmatizantes: moradores caracterizados como marginais, criminosos, vítimas da sociedade, ou pobres, porém honestos; favela como local de ausências e carências, de exclusão, de pobreza, de desorganização, território sem lei.

Nos anos 1970, quando Goffman (1975) pensou na categoria estigma, as favelas cariocas já haviam se instalado há tempos, crescido, mudado, mas ainda eram vistas como um problema. O célebre sociólogo e antropólogo relembra que, desde a Grécia antiga, os indivíduos já eram "marcados", física e simbolicamente: o estigma eram as marcas corporais, feitas a faca ou fogo, destinadas a identificar e expor escravizados, criminosos, pessoas consideradas detestáveis do ponto de vista moral. No Cristianismo, encontramos um sentido duplo: estigma podem ser as marcas deixadas no corpo de alguém pela graça divina, mas também marcas de desordem psíquica. Goffman (1975) cita como estigmas as deformidades do corpo; as questões que ele denomina tribais, ou seja, de raça, nacionalidade, religião; e traços que revelem alguma característica do indivíduo que fuja do padrão ou do esperado por dado grupo social. Ele cita como exemplos indivíduos com transtornos mentais, presidiários, drogados, alcóolatrás, homossexuais, desempregados, suicidas, pessoas de extrema-esquerda.

Para o autor, o sujeito do estigma seria aquele que se encontra em dada situação na qual há algo que o desqualifica e o impede de ser plenamente aceito pela sociedade. Se formos considerar tal perspectiva, as características assinaladas a respeito das favelas e seus moradores se encaixam como uma luva no que seria o estigma. Ele destaca que, independentemente do caso, os traços sociológicos são os mesmos: um indivíduo que poderia ser admitido em

Um círculo de relações sociais comuns possui uma característica que chama a atenção e nos desvia dele, destruindo os direitos que ele teria de nos dar a ver seus outros atributos. Essa pessoa se oporia ao que seria considerado “o normal”. O resultado de tal situação é a discriminação e a redução das chances do estigmatizado. No caso do nosso estudo, a característica seria a de “favelado”.

O que nos parece mais interessante na exposição de Goffman (1975) nessa obra é que, para o autor, o estigma seria uma maneira de racionalizar uma animosidade fundada sobre outras diferenças, como a de classe, por exemplo. O estigma serviria para explicar a inferioridade do sujeito e de justificar que ele representa um perigo. Dessa forma, uma categoria social pode aderir a um critério de julgamento que vale para os outros, mas não se aplica a si. Essa discussão, apesar de estar em um livro datado, que traz alguns posicionamentos já ultrapassados em relação às pessoas com deficiência, aproxima-se muito das questões que envolvem as representações sociais negativas cristalizadas sobre as favelas e seus habitantes. Nesse caso, não seria o atributo em si que estigmatiza, segundo o sociólogo, mas sua relação com o estereótipo, isto é, com o que pensamos que certo tipo de indivíduo deveria ser.

Mas será que tais representações, que tendem mais para aspectos negativos, persistem no discurso fotográfico da imprensa hoje? E se formos analisar especificamente como as mulheres são apresentadas no espaço favela? Afinal, sabemos que, em nossa sociedade patriarcal, a luta das mulheres por visibilidade e igualdade tem sido árdua. Vejamos o que as fotos podem nos dizer.

O que nos dizem as fotos

Das 302 imagens do *corpus* analisado na tese, há 34 fotos em que mulheres aparecem como protagonistas, ora sozinhas, ora acompanhadas de outros personagens. Esse valor representa apenas 11% do total das fotografias, indicando que a presença de mulheres é pouco expressiva, sendo complicado, dessa forma, obter algum tipo de representatividade. Numericamente, há um desequilíbrio na apresentação dos gêneros, principalmente porque 51,2% dos moradores de favelas são mulheres, conforme pesquisa do Data Favela realizada em fevereiro de 2015⁸.

Ao verificarmos a presença de mulheres em fotos que mostram famílias nas favelas, encontramos recorrências interessantes: a maioria traz a família representada pela mulher com as crianças (FIGURA 1). Tal percepção está em sintonia com esse levantamento do Data Favela, o qual informa que 44% dos lares de favelas são chefiados por mulheres. Os dados mostram que 70% das mulheres das favelas são mães e que 21% dos lares são formados por mães solteiras.

Das 34 fotos, 10 exibem a mulher no papel de mãe. Pelas legendas, vimos que a maioria das mulheres é de fato classificada como mãe e nomeada: Wanda, Tayane, Lúcia, Viviane, Maria das Dores, Bruna, Gláucia, Maria Aparecida, Débora. A maioria das reportagens aborda moradia e condições de vida. A representação social do pai como provedor dá lugar à da mãe como provedora, como responsável pelo lar, o que pode engendrar imaginários da força da

⁸ O estudo foi feito em fevereiro de 2015, pelo instituto Data Favela, com apoio do Data Popular e da CUFA, com 2 mil moradores, de 63 favelas, localizadas em nove regiões metropolitanas e também no Distrito Federal (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Curitiba, Porto Alegre e Brasília). Fonte: <http://economia.ig.com.br/2015-03-08/chefe-de-familia-esse-e-o-papel-da-mulher-na-favela-brasileira.html>. Acesso em 02 out. 2015.

mulher diante das adversidades. Porém, uma das dificuldades apresentada seria a pobreza, outra regularidade que nos chamou a atenção na exibição dos lares retratados nessas fotos, podendo remeter ao imaginário da precariedade e da miséria, da representação cristalizada da favela como lugar da falta, da carência, de modo que a mulher poder ser apresentada como vulnerável, em contraponto à representação de provedora. Os temas das reportagens foram diversificados.





Figura 1 – Agrupamentos familiares nas favelas retratadas pelo jornal no período analisado. Fonte: “O Globo”: 31/10/2010, País, p. 16 (duas imagens), fotos Custódio Coimbra; 28/11/2010, capa, foto Márcia Foletto; 29/11/2010, A Guerra do Rio, p. 12, Pedro Kirilos; 30/11/2010, Rio, p. 21, foto Márcia Foletto; 27/11/2010, Rio, p. 24, foto Márcia Foletto; 07/10/2012, País, p. 10, foto Paula Giolito; 18/10/2012, Rio, p. 18, foto Domingos Peixoto; 20/10/2012, Rio, p. 20, foto Domingos Peixoto; 04/11/2012, País, p. 4, foto Domingos Peixoto; 17/11/2012, Rio, p. 12, foto Marcelo Piu; 28/11/2012, Rio, p. 14, foto Custódio Coimbra; 10/09/2014, Rio, p. 14, foto Marcelo Piu; 12/09/2014, Rio, p. 25, foto Domingos Peixoto; 26/10/2014, Rio, p. 53, foto Leo Martins

A representação social da mãe como aquela que cuida e protege pode ser percebida também, direcionando a imaginários da maternidade como um papel inerente à condição feminina, o que consiste numa redução do papel da mulher. Uma vez que ela é representada predominantemente como mãe, seja provedora ou não do lar, a despeito de outros papéis que desempenha na

sociedade, é possível reforçar uma espécie de “naturalização” de uma visão unívoca e redutora do gênero.

Trata-se de uma discussão fundamental, já que, como observa Giddens (2008), o gênero é um conceito socialmente construído, o qual atribui papéis sociais diferentes a homens e mulheres, perpetuando diferenças que não são neutras, pelo contrário, consistem em modos significativos de estratificação social que envolvem relações de poder, portanto, diferentes tipos de oportunidades e hipóteses de vida. No caso das fotos analisadas, as mulheres assumiriam, como ocorre em grande parte das culturas, a responsabilidade primária de educar os filhos e das atividades domésticas, mas também o papel tradicionalmente masculino na sociedade patriarcal de sustentar a família.

Apesar dessa posição que seria ocupada pela mulher nas favelas, as fotos analisadas não conferem protagonismo a elas, nem qualquer tipo de empoderamento, a partir dos enquadramentos e das escolhas dos tipos de lugares e cenas mostradas. Na maior parte das imagens, elas não têm destaque, a maioria não olha para a câmera, algumas estão de costas ou em segundo plano.

Uma característica identificada também é que a maioria das mulheres fotografadas é parda ou negra. Isso pode despertar discussões levantadas pelo “feminismo negro” (GIDDENS, 2008, p. 119) que considera uma dupla opressão no caso de mulheres não brancas: de gênero e étnica. Se associarmos todos os aspectos observados ao mesmo tempo em algumas das fotos – mulheres, pobres, pardas ou negras –, as fotos podem colaborar para um reducionismo que corre o risco de estigmatizar, já que a maioria das matérias se refere a problemas de moradia, condições precárias de vida e violência, situando as mulheres das favelas numa generalização que categoriza o morador desses espaços urbanos. No caso da violência, elas aparecem como vítimas na maioria

dos casos (FIGURA 2); apenas uma mulher é apresentada como criminosa, subjugada, na imagem em que é presa e conduzida por um policial militar (FIGURA 3).



Figura 2 – Cenas em que mulheres aparecem como vítimas da violência, no Morro do Alemão
Fonte: "O Globo": 28/11/2010, A Guerra do Rio, p. 2, foto Marcelo Piu; 29/11/2010, A Guerra do Rio, p. 13, foto Pablo Jacob



Figura 3 – Cena mostra prisão de mulher por tráfico de drogas
Fonte: O Globo: 29/11/2010, A Guerra do Rio, p. 6, foto Pedro Kirillos

Do total de imagens com mulheres adultas, apenas oito as trazem no exercício de alguma profissão. Apesar do pequeno número de fotos com esse enquadramento, as atividades são diversificadas: professora, policial, atividade de boca de urna, agentes comunitárias, ambulante, agente de viagens, instrutora de academia e pesquisadoras (FIGURA 4). Vale notar que, na foto da policial, o gesto indica cordialidade, contrariando o imaginário da violência policial nas favelas, direcionando para um possível sentido ligado a um

imaginário que categoriza a mulher como mais sensível e afetiva, o que seria também generalizador, portanto, redutor enquanto estereótipo do feminino. Vale ressaltar que a maior parte das pautas aborda a tranquilidade proporcionada pela instalação das Unidades de Polícia Pacificadora – UPPs. Dessa forma, pode fazer parte do projeto de fala do jornal apresentar pessoas desenvolvendo seu trabalho tranquilamente, a fim de mostrar um posicionamento discursivo de sucesso dessa política pública no Rio de Janeiro.



Figura 4 – Imagens que mostram mulheres no trabalho.

Fonte: "O Globo": 07/09/2012, capa, foto Marcelo Piu; 22/09/2012, Rio, p. 21, foto Custódio Coimbra; 04/10/2010, País, p. 25, foto Marcelo Piu; 15/10/2012, Rio, p. 14, foto Pablo Jacob; 18/10/2012, Rio, p. 18, foto Domingos Peixoto; 06/10/2014, Rio, p. 39, foto Laura Antunes; 11/11/2012, Rio, p. 32, foto Fábio Rossi; 01/11/2014, Rio, p. 26, foto Custódio Coimbra

As cenas que apresentam pautas “positivas”, ou seja, que não estão relacionadas a problemas enfrentados pelos moradores das favelas, são pouquíssimas (FIGURA 5). Uma refere-se a um baile de debutante realizado na comunidade de Chapéu Mangueira, com apoio da polícia, e outra, a um projeto cultural, especificamente à plateia de um concerto do Morro do Alemão. A questão é que as meninas e as mulheres são apresentadas em situações de lazer em pautas sobre UPPs, com foco na tranquilidade oferecida pela pacificação, e não em momentos ligados ao lazer propriamente, ou às atividades das quais participam em suas comunidades. Além disso, a foto do baile resgata um imaginário da debutante como o sonho de toda menina. No entanto, sabemos que essa comemoração simboliza a entrada na mocidade, logo, na fase reprodutiva da mulher, sendo um rito de passagem. Originalmente, além de servir para apresentar a moça à sociedade, a festa tinha como função atrair pretendentes para a garota. Esse tipo de abordagem pode reforçar representações cristalizadas da mulher como aquela que busca esse tipo de condição como ideal de vida: fazer quinze anos, namorar, noivar e casar. O traje das moças remete à representação social da princesa.



Figura 5 – Cenas que envolvem lazer no Chapéu Mangueira e no Alemão, respectivamente.

Fonte: “O Globo”: 20/09/2010, Rio, p. 14, foto Gabriel de Paiva; 15/09/2012, Especial, p. 3, foto Fabio Rossi

Outro grupo que pudemos divisar nas fotos foram mulheres aparentemente na terceira idade (FIGURA 6). Nas quatro imagens que encontramos, elas estão sozinhas em suas casas, três delas do lado de fora. Em comum, a precariedade das habitações, o que pode remeter ao imaginário da vulnerabilidade, reforçado pela angulação de cima para baixo nas duas últimas imagens, que conduzem à inferiorização do personagem. Há um ar de abandono a partir do modo como elas foram enquadradas, conduzindo a um imaginário de solidão, de resignação, de impotência, deduzido diante da postura dessas mulheres nas poses captadas. Se incluirmos, ainda, a foto apresentada na Figura 2, em que duas mulheres fogem dos conflitos durante ocupação policial, a ideia de vulnerabilidade se mantém.



Figura 6 – mulheres, aparentemente da terceira idade, retratadas nas favelas. Fonte: "O Globo": 07/10/2010, caderno Zona Sul, p. 17, foto Felipe Hanower; 12/10/2010, Rio, p. 16, foto Berg Silva; 31/10/2010, País, p. 16, foto Custódio Coimbra; 28/11/2012, Rio, p. 14, foto Custódio Coimbra

Entendemos que a riqueza do *corpus* possibilita ainda realizar uma série de análises, a partir de diversos olhares, sobre os possíveis sentidos construídos sobre essas mulheres. No entanto, para este trabalho, pararemos por aqui, pelo menos por enquanto, a análise, com algumas considerações a título de conclusão, cientes das possibilidades que permitirão desenvolvimentos outros no futuro.

Considerações finais

Este artigo consiste numa análise exploratória das possibilidades discursivas das imagens que mostram mulheres em favelas cariocas. Ele é um desdobramento de um trabalho mais amplo sobre a imagem das favelas do Rio de Janeiro construída pelo jornal "O Globo" e que, por apresentar ainda muito potencial de análise, segue dando frutos, como este, que selecionou apenas as fotos em que as mulheres aparecem como personagens.

Em um dossiê que aborda mulher e mídia, acreditamos ser um recorte que levanta várias questões fundamentais para reflexão, como o reforço de estereótipos e representações sociais que podem evidenciar desigualdade no tratamento dos gêneros e modos de dar a ver a mulher sem a complexidade e a diversidade que a envolvem.

No caso das fotos que analisamos, percebemos esse desequilíbrio na quantidade de vezes em que a mulher aparece e, mais relevante ainda, um enquadramento redutor. Na maioria das vezes, ela aparece no papel de mãe e em situações de precariedade, portanto, que podem levar ao imaginário da vulnerabilidade. Há, sim, uma tentativa de mostrar a mulher no mercado de trabalho, em diferentes funções, no entanto essa evidência profissional fica em

segundo plano, já que as pautas não são direcionadas a esse foco, e, sim, a matérias sobre UPP, condições de moradia e de vida nas favelas.

Enfim, seria uma visão de mundo elaborada de forma reducionista, que não cumpriria o papel cabível aos meios de comunicação de produzir informação capaz de colaborar na formação de cidadãos conscientes e críticos e na ampliação do papel da mulher na sociedade. Sabemos que, historicamente, os moradores das favelas têm lidado com uma série de preconceitos e situações de discriminação. As mulheres que moram nas favelas, além dessa luta diária, precisam enfrentar a luta pela igualdade de gênero. E, pelas fotos que vimos publicadas, o jornal, ao mostrá-las por meio do discurso fotojornalístico, não colabora nem um pouco para que a sociedade mude e evolua nesse campo.

Referências

CAMPOS, Andrelino. **Do quilombo à favela**. A produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 208 p.

CHARAUDEAU, Patrick. Les stéréotypes, c’est bien, les imaginaires, c’est mieux. In: BOYER, Henri. **Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène**. Langue (s), discours, Paris: Harmattan, vol. 4, p 49-63, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. Da ideologia aos imaginários sociodiscursivos. In: _____ . **Discurso político**. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz e Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto: 2006b p. 187-208.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GRAVASSI, S. (Orgs.). **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucena, 2005. p. 11-27.

GERVEREAU, Laurent. **Voir, comprendre, analyser les images**. 4. éd. Paris: Éditions La Découverte, 2004. 198 p.

GIDDENS, Anthony. Gênero e sexualidade. IN: _____. **Sociologia**. 6 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. p. 106-.

GOFFMAN, Erving. **Stigmate**. Les usages sociaux des handicaps. Paris: Les Éditions de Minuit, 1975. 177 p.

INFOGLOBO. Nossos produtos. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://www.infoglobo.com.br/anuncie/ProdutosDetalhe.aspx?IdProduto=91>>. Acesso em: 19 mai. 2015.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**. Investigações em psicologia social. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 8. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011. 404 p.

SILVA, Jailson de Souza e; BARBOSA, Jorge Luiz. **Favela**. Alegria e dor na cidade. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio; [X] Brasil, 2005. 232 p.

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela**. Do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 204 p.

VALLADARES, Licia. A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 44, p. 5-34, outubro 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n44/4145>>. Acesso em: 30 jan. 2014.